



VELHA GUARDA DO SAMBA CARIOCA: UMA ETNOGRAFIA DA MEMÓRIA
ATRAVÉS DAS FESTAS

GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação

Maria Lívia de Sá Roriz Aguiar

Doutoranda em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Brasil

Regina Glória Nunes Andrade

Professora Doutora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Brasil

marialiviaroriz@gmail.com

Resumo

O texto apresenta e caracteriza as festas realizadas pelos integrantes da Velha Guarda das escolas de samba do Rio de Janeiro como um lugar de nutrição das identidades do grupo e onde esses personagens constroem sua importância e perenidade no mundo do samba. Com características que reproduzem o universo cultural dos velhos sambistas do Rio de Janeiro, as festas são ambientes privilegiados para se perceber a autoconstrução e autolegitimação dos sambistas integrantes da Velha Guarda como espécies de guardião da memória do samba carioca¹.

Palavras-Chaves: Velha Guarda – Etnografia - Festas

¹ Esse paper apresenta alguns resultados da pesquisa realizada no Mestrado em Psicologia Social da UERJ, sob orientação da Prof. Dra. Regina Glória Nunes Andrade, denominada “A Velha Guarda e a guarda do samba carioca” (UERJ, 2013).

Considerações Iniciais

Antes mesmo do surgimento das escolas de samba já havia a Velha Guarda. Ao que parece, a expressão Velha Guarda é uma inversão do nome da Guarda Velha, corporação policial do tempo do Império no Rio de Janeiro.

Com a criação da Velha Guarda musical da Portela, em 1974, composta por integrantes ou não da tradicional ala da Velha Guarda, com o objetivo de se apresentar em shows musicais, muitos confundem a Velha Guarda musical (além da Portela, a escola de samba Império Serrano, a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro e a escola de samba Estação Primeira de Mangueira têm também Velhas Guardas Show) com a ala da Velha Guarda. Nosso objetivo nesse texto é mostrar como as festas se constituem em elemento de nutrição e de renovação das identidades das Velhas Guardas e, mais especificamente, dos integrantes idosos que fazem parte da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRJ) e que reúne integrantes de 68 escolas de samba da cidade, além de blocos e outras agremiações carnavalescas.

Fernanda Guimarães (2011) define Velha Guarda como um conjunto de sambistas e pessoas envolvidas no cotidiano do mundo do samba e no carnaval, que reivindicam um lugar no presente das escolas de samba que está em constante relação com o passado. Para ela, entender a construção desse grupo é compreender como foi elaborada uma tradição ou “inventada”, no sentido empregado por Hobsbawm (1984).

O mundo do samba pode ser definido como um conjunto de manifestações sociais e culturais, que aflora em contextos em que o samba predomina como forma de expressão musical, rítmica e coreográfica (LEOPOLDI, 2010, p. 61). Nesse

sentido, a Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRJ) é uma instituição do mundo do samba.

No passado, a Velha Guarda como comissão de frente² abria o desfile. A comissão não tinha coreografia: era um grupo que caminhava devagar na frente da escola de samba, de terno, gravata, camisa, colete, sapatos e chapéu rigorosamente idênticos e que apresentavam a escola para a plateia. No antebraço de cada um o galhardete com o emblema, as cores e o nome da agremiação. Elegantes e serenos, em certos trechos do desfile retiravam o chapéu e saudavam o público.

Engolida pelo gigantismo das escolas de samba e pela espetacularização dos desfiles, a Velha Guarda agora vem habitualmente no último carro ou no chão fechando o desfile.

Agora corpos atléticos, vestidos por figurinos deslumbrantes, encenando coreografias teatrais devem iniciar o desfile. Cenários móveis, homens e mulheres que se transformam em molas propulsoras, imitando o fole da sanfona (como no desfile da escola de samba Unidos da Tijuca, campeã do carnaval de 2012), ou por atores que encenam espetáculos na avenida, como foi o caso da comissão de frente da escola de samba Beija Flor de Nilópolis que representou a infância de Roberto Carlos no carnaval de 2011 (do qual foi campeã), tendo Claudia Raia, atriz global, como uma das personagens principais. O corpo velho, os passos inseguros, não são cenas para o espetáculo contemporâneo das escolas.

² Comissão de frente é a ala que abre o desfile das escolas de samba, vindo em primeiro lugar e apresentando ao público a escola. As mudanças na comissão de frente, quando passou a ser composta com uma coreografia artística e teatral, significaram também o deslocamento da ala da Velha Guarda para o meio ou para o fim do desfile, o que é o mais comum.

Ao mostrar a multiplicidade de papéis que existem e que seus integrantes ocupam posições rituais distintas (compositores, carnavalescos, mestres salas e porta bandeiras, passistas, integrantes de alas, comissão de frente, baianas e Velha Guarda), Cavalcanti observa que dois grupos associam-se a um lugar identificado com a “idade avançada”: as baianas³ e a Velha Guarda (2011, p. 247-248).

Segundo a antropóloga, a identidade desses grupos é diversa dos demais, exigindo-se deles determinadas condutas, “permanentemente elaboradas, negociadas e ressignificadas”. Para ela, ser baiana ou integrar a Velha Guarda é “um processo no qual as pessoas se constroem e se modificam e no qual se configuram perspectivas distintas sobre o envelhecimento do corpo no carnaval carioca” (CAVALCANTI, 2011, p. 248).

Ainda que na pesquisa o interesse tenha recaído sobre os integrantes que de fato são os mais idosos, tanto os mais jovens quanto os mais velhos podem falar (e falam) de suas experiências e trajetórias de vida na escola, mencionando o conhecimento acumulado em anos de frequência ativa nas quadras. Ingressar na Velha Guarda significa ter reconhecido o conhecimento artístico e musical acumulado ou uma habilidade destacada (a de lidar com instrumentos musicais; de saber compor sambas com maestria; de ser um mestre sala que detém os mistérios da função, como Hélio Laurindo da Silva, o Delegado; de ter sido porta bandeira singular etc.). A velhice nesse caso é sempre uma velhice ativa.

³ A ala das baianas é uma ala de evolução obrigatória nos desfiles das escolas de samba. É constituída por mulheres na faixa dos 40 aos 70 anos, mas há baianas com mais de 80 anos. Como as demais alas, com exceção da bateria, as baianas não são julgadas em nenhum quesito específico, sendo englobadas para o julgamento no quesito evolução, que avalia a unidade do fluxo visual da escola. Ao logo da passagem da escola pela avenida, a ala das Baianas executa a coreografia de girar em torno do próprio corpo, todas ao mesmo tempo e no mesmo sentido, o que faz suas amplas saias rodarem, provocando um belo efeito visual (CAVALCANTI, 2011, p. 249).

Talvez seja por isso que o corpo envelhecido dos integrantes da Velha Guarda seja, sobretudo, o corpo ativo que procura em festas durante o ano inteiro reforçar laços de sociabilidade, de permanência e de vínculos com o carnaval.

Velha Guarda é Velha Guarda o ano todo. Tem programação o ano todo. Só parou agora por causa das festas, mas chega em janeiro dia 20 já é o Estácio. Todo domingo ela (a Associação) já está visitando uma escola. A Velha Guarda não para, só para agora. As atividades têm que parar mesmo por causa de Natal. Mais o ano todo trabalha; trabalha o ano todo. A ala para só aparece no carnaval, baiana para, a Velha Guarda não, tá sempre ali (I. S. Entrevista à autora em 20 de dezembro de 2011).

Ao falar das “festas bonitas”, os entrevistados sempre destacam, na ordem de importância, as roupas e a comida. Muita comida.

Toda festa a gente se reúne. Qual roupa que vamos? Os homens, qual roupa... A gente se reúne, a gente tem um guarda roupa cheio de roupas. Tem os ternos, tudo quanto é roupa. Ensaio na Sapucaí todo ano uma roupa diferente. Tem muita roupa né?! (...) Agora tem a festa do Dia das Mães no terceiro domingo, festa familiar, os convidados nossos, mas é mais o pessoal da escola mesmo. Festa boa, a gente dá um baile. Esse ano macarronada com carne assada. Cada ano inventa um tipo de comida. Daqui há pouco começa a debater. Qual a comida a gente vai fazer? E tal, a maioria fala quero isso assim, assado, risoto de frango. Esse ano escolheram a macarronada. No outro ano, escolhe

outro. A festa da Velha Guarda [na Unidos do Viradouro] é todo ano bacalhoadada (A.S. Entrevista à autora em 8 de maio de 2012).

No caso dessa pesquisa, também consideramos as marcas inscritas na memória do grupo: marcas essas que constituem o “dito do discurso social” desses sujeitos (GEERTZ, 1989). A memória constrói, por outro lado, narrativas de si, que muitas vezes repetem a grande narrativa do carnaval, no universo particular desses atores sociais.

As reflexões dos Estudos Culturais, em torno dos textos de Stuart Hall (1997, 2000 e 2003), e de Hommi Bhabha (1998), também são fundamentais para se pensar a questão das identidades. Esses autores concebem a identidade como se movendo em espaços múltiplos (daí o plural), revelando conflitos, disputas, divergências, inclusive de ordem memorável, fazendo do lugar de fala sempre um lugar posicionado, isto é, construído em relação à posição que se ocupa no grupo e nos grupos que o circundam.

A identidade é um desses conceitos que operam ‘sob rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem sequer ser pensada (HALL, 2000, p. 105).

As festas: uma etnografia

Quando se chega ao número 1844, da Avenida D. Helder Câmara, em Piedade, bairro do subúrbio do Rio de Janeiro, depois de ultrapassar um portão de ferro, um corredor e subir uma pequena escada, a primeira coisa que se vê é a imagem de

Ogum, o São Jorge da igreja católica, colocada num pequeno nicho. Ao lado, o bar e a cozinha e, em seguida, localiza-se um grande galpão coberto. Em cima do bar, há um pequeno mezanino aonde de quinze em quinze dias, os membros da Associação realizam uma reunião que denominam plenária. Nesse mesmo lugar, as segundas-feiras ocorrem as reuniões de diretoria. É lá também que habitualmente organizam festejos os mais diversos, comemorando-se aniversários, datas representativas dos associados, etc. Todo sábado também se realiza um pagode.

Num território encravado no meio de um dos mais tradicionais bairros do Rio de Janeiro, a Piedade, está a sede da Associação da Velha Guarda das Escolas de Samba do Rio de Janeiro (AVGESRJ), fundada em setembro de 1983, e que reúne hoje integrantes das Velhas Guardas de 68 escolas de samba do Rio, além de outros blocos e grupos carnavalescos.

Fundada inicialmente com o intuito de ser um lugar para os sambistas de mais idade se reunirem e encontrarem outras possibilidades de diversão foi assumindo com o tempo outros papéis, como, por exemplo, o de preservação da tradição do samba e da memória de seus integrantes. Mas o papel de multiplicar formas de diversão para os idosos continua sendo preponderante.

As diversões também se transformaram ao longo do tempo. Hoje são festas coletivas, aonde a distinção de ser idoso aparece nos ritos, nos quais a roupa e a aparência ocupam lugar preponderante. Ir com roupas novas, bem cortadas, com brilho, todos vestidos iguais – constituindo pelos ornamentos do corpo um só grupo – produz, talvez, a marca mais emblemática do idoso componente da Velha Guarda do samba.

As motivações, os impulsos, os interesses que os sambistas manifestam na Associação e que resultam, sobretudo, no calendário festivo que realizam se transformam em modalidades as mais diversas de festas e reuniões, constituindo a forma básica de interação do grupo. É na Associação que eles se tornam participativos, atuantes, desenvolvendo sua vida da maneira como sempre fizeram: fazendo pagode, bebendo, conversando, comendo, falando uns dos outros. Uma vida comum, independente da idade.

Se nas entrevistas as mulheres destacam o fato de ajudarem na organização das festas, fazendo comida, por exemplo, e também a importância de se fazer muitas roupas novas para serem ostentadas nesses encontros, nas dos homens sobressaem o compromisso com as atividades administrativas e a preocupação em atender aos chamados da Associação. Muitos lembram o fato de “fazer parte da mesa” ou serem representante de suas escolas nas reuniões.

As festas são de muitas naturezas e pelos mais variados motivos. De maneira geral podemos agrupá-las em dois grandes grupos: as fixas e as eventuais. No quadro a seguir construímos uma tipologia das festas promovidas pelos integrantes das Velhas Guardas, mostrando, ao mesmo tempo, o caráter cíclico desses eventos fundamentais na construção e manutenção de uma memória comum.

Festas da velha guarda

NOME	DESCRIÇÃO	PERIODICIDADE /LOCAL
Pagode da Associação (fixa)	Nesse encontro tem um grupo de velhos sambistas que toca um repertório variado de músicas. É cantado desde sambas antigos a boleros, sambas de Arlindo	Todos os sábados, das 18 às 22 horas.

	<p>Cruz, Zeca Pagodinho e outros artistas de sucesso. Durante o pagode o bar da Associação fica aberto para vendas de bebidas e petiscos. Em pagodes especiais também são servidos gratuitamente pratos como mocotó, dobradinha, entre outros, para os participantes. Durante os intervalos dos músicos, atividades complementares são realizadas, como o bingo. São também vendidos convites para outras festas. O narrador apresenta as velhas guardas, os componentes e pessoas da comunidade. Tem também a realização de concursos, como os mais bem vestidos e elegantes, entre outros.</p>	<p>Sede da Associação.</p>
<p>Festa de aniversário da Associação (fixa)</p>	<p>Nessa festa comemora-se o aniversário de fundação da Associação. Os rituais são semelhantes aos da Festa das Galerias (bandeiras). Inicia-se com a entrada triunfal das bandeiras das escolas de samba e grupos afiliados, continua com shows, seguindo do baile. Há também diversas homenagens. Durante os festejos, os integrantes distribuem-se em grupo pelas mesas, sempre repletas de comidas e bebidas. O final é marcado pela saída dos pavilhões.</p>	<p>Todo feriado de 7 de setembro. Em um clube do subúrbio.</p>
<p>Consoada de Natal (fixa)</p>	<p>Os associados compram convites para participar da festa que tem como ponto alto a ceia de Natal da Associação. Durante os festejos há ainda a realização de um amigo oculto entre os presentes.</p>	<p>Anualmente em dezembro para comemorar o Natal. Sede da Associação.</p>
<p>Festas das Galerias (fixa)</p>	<p>É a comemoração mais importante e tradicional da Associação. É conhecida também como festa das Velhas Guarda. Nesse dia, todas as afiliadas se reúnem para comemorar em uma quadra. A Escola</p>	<p>Todos os domingos do ano. Pode ser realizada em</p>

	anfitriã recebe as outras para celebrar na sua quadra. É nessa festa que cada Velha Guarda desfila com o seu pavilhão. Apesar de cada uma das festas constar no calendário anual, são feitos convites formais que são distribuídos com antecedência. Cada Velha Guarda é convidada formalmente a participar da festa. Festa repleta de ritos e tradições (As festas das Galerias serão objeto de reflexão específica no capítulo 2).	alguns feriados, pois devem ser 68 festas no ano. Cada uma delas é realizada por uma escola de samba diferente.
Datas comemorativas (eventuais)	Algumas datas são festejadas na Associação. Como por exemplo, a festa das mães realizada em agosto, mês de Nossa Senhora; o concurso das 10 mais elegantes, etc. Por serem festas maiores são realizadas habitualmente em clubes do subúrbio do Rio	Clubes do Subúrbio.
Aniversários (eventuais)	Integrantes da Velha Guarda comemoram seus aniversários na sede da Associação. Fazem cartazes divulgando a festa e convidado os amigos. São festas regadas a muito samba, cerveja e comida.	Sede da Associação ou nas quadras das escolas.

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir das entrevistas e de LOPES *et al*, 2009.

Na construção do calendário das festas observamos particulares apropriações do tempo: o sábado é o dia festivo da Associação, é o dia do pagode. Já o domingo é o dia das festas das Galerias, momento também de encontrar os amigos, de conversar, comer, beber e dançar na sua festa mais importante. Como são necessários 68 domingos para a realização de todas as festas das Galerias é preciso reinventar domingos. Assim, alguns feriados também são usados para a realização dessa comemoração.

Hoje, cada domingo, para você ter uma ideia o ano tem 54 domingos, eu tenho 68 Velhas Guardas. Tem Velha Guarda que não faz festa, não tem data mais. Tem Velha Guarda que não tem. Eles entendem porque não podemos fazer milagres, né. O ano tem 54 domingos e mais alguns feriados também aproveitados. Por exemplo, a Imperatriz Leopoldinense fez agora feriado dia 15, a Portela fez dia 20 feriado, a Curicica ela faz no dia sete de setembro também feriado. São datas cativas (Geraldo Francisco Alves, presidente da AVGESRJ. Entrevista à autora em 24 de novembro de 2012).

A segunda apropriação do tempo é a instituição de um calendário próprio para as atividades da Associação. Usando os dias do calendário tradicional montam outra grade temporal, no qual o carnaval é o momento mais importante e que marca o fim de um ciclo. É como se o ano terminasse em janeiro e só recomeçasse em março. Tão importante é o mês do carnaval que não é possível realizar nenhuma atividade, pois estão todos imersos no universo do desfile e de seus preparativos. Fevereiro (ou março, quando é o caso) é um mês suspenso do calendário.

Grosso modo podemos dizer que nas sociedades ocidentais há duas concepções dominantes de tempo (POMIAN, 1984): o tempo linear e orientado, predominante das sociedades com escrita e que marcam as transformações pelo tempo histórico, ou tempo calendário; e o tempo cíclico das sociedades tradicionais. Regina Abreu (2007, p. 264) remarca que diferentes concepções de tempo produzem diferentes maneiras de trabalhos de memória. No tempo cíclico, o do eterno retorno, há a espera de momentos que se repetem periodicamente e com regularidade. O fato de haver num grupo a vivência do tempo desse modo, não impede a existência de outros modos de apropriação temporal.

No caso da concepção linear, do tempo histórico, datado, os documentos ocupam papel central; já no caso da concepção cíclica predominam as narrativas orais e a memória social é construída através de festas, cerimônias, rituais e narrativas míticas (ABREU, 2007, p. 264). A concepção de tempo linear é assimétrica: os acontecimentos são governados pela imprevisibilidade; já na concepção cíclica os acontecimentos se repetem.

Abreu (2007, p. 265) destaca, ainda, que essas duas concepções não são excludentes. Cada vez mais, segundo ela, o contato frequente entre culturas permite a convivência de diferentes concepções de tempo, que “passam a conviver sem que haja obrigatoriamente a exclusividade de uma concepção determinada”. Para ela, as diversas manifestações culturais sagradas e profanas, entre elas as festas populares, especialmente o carnaval, continuam sendo organizadas segundo orientações da concepção de tempo cíclico.

O tempo dos integrantes da Associação mistura a concepção linear e cíclica. Quando mostram documentos querendo provar “quando tudo começou ou aconteceu” a lógica de suas memórias move-se pela concepção linear e orientada. Mas quando semanalmente realizam as mesmas festas e esperam por elas todos os dias anteriores, estão governados pela concepção cíclica do tempo.

O tempo se move então de março a janeiro em torno dos diversos festejos que indicam para eles a passagem da semana, da quinzena, do mês e do ano. Todo sábado eles sabem que irão se reencontrar em torno do pagode. Todo domingo, por sua vez, é dia das festas das Galerias.

A partir do diário de campo construído nas festas realizadas pela Velha Guarda, escolhemos duas festas de Galerias para mostrar aspectos metodológicos da pesquisa nos quais a abordagem etnográfica se destacou. A primeira foi uma festa

realizada na quadra da Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, no subúrbio carioca de mesmo nome, e ainda no início da pesquisa, quando não havia ainda decifrado os códigos narrativos existentes naqueles ambientes. A segunda foi a última das festas de galeria observada para a pesquisa.

Nas descrições podemos perceber, também, a transformação do olhar do pesquisador que, no primeiro momento, estava repleto do estranhamento diante de um mundo desconhecido e num segundo já dominava os códigos presentes naquele mundo.

A primeira festa de Galeria: Escola de Samba Unidos de Vila Isabel



Festa de 47º aniversário da Velha Guarda da Unidos de Vila Isabel, em setembro de 2011
(Foto da Autora).

Essa foi a primeira festa das Galerias que vi na vida. Comemorava-se também na ocasião o 47º aniversário da Velha Guarda da Vila Isabel. Era o primeiro domingo do mês de setembro, um dia quente bem típico da cidade. Ao entrar na Rua 28 de setembro, principal logradouro do tradicional bairro de Vila Isabel, e descer em frente à quadra da Grêmio Recreativo Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, notava-se uma fila enorme de pessoas uniformizadas. Ao perguntar se era preciso ficar naquela fila para entrar na quadra ouvi: “Não, aqui é a fila das Velhas Guardas. A sua entrada é ali, onde o espaço está livre”.

Era uma entrada de gala com tapete e vários seguranças orientando cada convidado: assim começava a minha incursão nas festas das Galerias. Ao entrar perguntei por Ana Carolina, que já havia me apresentado ao mundo da Velha Guarda na primeira festa, e me apontaram a fila que ficava à direita. Ela estava ao lado de todos os dirigentes da Associação. Todas as Velhas Guardas entravam com os seus integrantes e cumprimentavam os principais dirigentes da Associação e a Velha Guarda aniversariante.

É de forma sempre triunfal que as Velhas Guardas entram na quadra. Cada agremiação é anunciada pelo locutor da Associação: na frente vêm os dirigentes, o presidente, o vice-presidente e o restante da diretoria. A porta bandeira entra no meio, sozinha, e levando a bandeira da Velha Guarda; em seguida entram os outros componentes. Todos alegres, cantando, falando com os outros participantes. Todos param em frente aos dirigentes da Associação. Fazem reverências. A porta bandeira para à frente de cada dirigente e todos beijam a bandeira.

Uma bandeira de escola de samba nunca é beijada diretamente. A mão é colocada sobre o pano (não mais pano, mas manto sagrado) e é em cima da mão

que ela é beijada. Cada Velha Guarda tem sua bandeira, com as cores da escola representadas, levando o nome da agremiação. Segundo informações que obtive ao entrevistar os componentes da União de Jacarepaguá essa bandeira própria foi ideia do senhor Tião, então dirigente dessa escola. Ele sugeriu na Associação que cada Velha Guarda tivesse também sua própria bandeira.

Ao entrarem os componentes vão tomando lugar no espaço que foi destinado para sua escola e a porta bandeira coloca a bandeira nos mastros enfileirados onde ficarão todos os outros estandartes. É ali que vão sendo depositadas as bandeiras das escolas. Quando todas as agremiações já entraram é a vez da Associação desfilar e entrar deslumbrante na quadra. Ao final, todas as portas bandeiras vão até o mastro é pegam as suas bandeiras. Voltam e entram exibindo o símbolo maior da sua escola. Está iniciada a festa: o rito da bandeira dá à permissão para que se comece a Festa das Galerias.

Observei abundância de comida. São vários os pratos servidos aos participantes: sopa de siri, mocotó, feijoada, salgadinhos e, também, muita bebida. Nas mesas das escolas um ritual em torno da comida (e que se repetiria em todas as festas): todos os participantes tinham vidros com petiscos variados e isopores repletos de salgados e bebidas. E durante todo o tempo trocavam quitutes realizando um verdadeiro escambo de comida.

A bateria da Vila Isabel tocava antigos sambas enredos de diversas escolas. Do camarote, pude ver uma quadra abarrotada de pessoas felizes, cantando, sambando, se cumprimentando. O locutor animava os integrantes e organizava toda a festa. Em determinado momento ele anunciou a leitura de uma carta enviada pelo presidente da escola. Nesse instante, todos ficaram no mais absoluto silêncio.

O locutor, começou a ler a carta. Em síntese, o Presidente da Escola lembrava a festa do ano anterior, da importância de se respeitar a Velha Guarda, enfatizando o fato de a Unidos de Vila Isabel ser grata ao trabalho da Velha Guarda. Mesmo de longe, ele estaria de coração participando da festa. Há uma verdadeira comoção: pessoas se emocionam e gritam vivas ao presidente. Da cadeia ele havia escrito a mensagem e nela dizia o quanto a Velha Guarda é importante, e enfatizava o valor daquela comemoração para ele e para escola, demonstrava todo o seu respeito para com os integrantes das diversas Velhas Guardas. Ao meu lado a secretária do presidente dos blocos do Rio de Janeiro me pergunta se conheço o presidente da escola. Ao ouvir minha negativa, responde que é uma pessoa maravilhosa e explica o motivo de sua prisão. “Ele é uma pessoa maravilhosa! Está preso mais não é nada demais, é só contravenção”. Mais uma vez aprendia que aquele território tem suas próprias normas e regras.

Nem todo o ritual estava completo, ainda havia ritos a cumprir antes do encerramento: o ritual profano religioso. Novamente a música Nossa Senhora na voz de Roberto Carlos era entoada em coro pelos participantes. Em seguida, as orações. Percebi, ainda mais intensamente do que da primeira vez, que aquele era um momento sagrado, de comunhão, de paz. Todos se cumprimentaram, com fortes abraços, beijos, bênçãos. Nessa festa, ouve ainda uma oração especial ao presidente da escola, momento narrado pelo locutor oficial da Associação.

Tal como no início houve novamente o cerimonial das bandeiras. Mas, dessa vez, os confetes prateados caindo do teto produziram uma ambientação quase sagrada. Por fim entraram as porta bandeiras e levaram suas bandeiras. Visto do camarote, era uma bela cena de bandeiras se cruzando em meio aos papéis prateados. Muitos aplausos e vivas encerraram a festa.

A última festa das Galerias



A Velha Guarda da Unidos do Viradouro (Foto da Walmir Dias)

Em maio, ao realizar entrevistas com os três integrantes da Velha Guarda da escola de samba Unidos do Viradouro, fui convidada por eles para a grande festa: a festa das Galerias em comemoração ao 34º aniversário da Velha Guarda da Unidos do Viradouro, que aconteceria no segundo domingo de dezembro de 2012. Ao participar da festa dos Avós em setembro, vovó Olinda (que ocupa um dos cargos hierárquicos mais importantes no universo das Velhas Guardas, é a avó do samba) me chamou para ir com ela a festa das Galerias na Viradouro, já que esse ano sua Velha Guarda não faria a festa por estar sem quadra. E ainda o senhor J. C. S. ao me levar à Associação, em novembro, reinterou o convite para a festa da sua Velha Guarda e pediu que ao chegar procurasse por ele ou por sua esposa na quadra. Segunda-feira, três de dezembro, recebo uma ligação de vovó Olinda me

perguntando se ainda queria participar da festa e que ficaria em sua mesa, ao lado dela. A partir dessa profusão de convites, não poderia perder o que seria também a última grande festa do ano.

No dia 9 de dezembro de 2012, chego à quadra da Unidos do Viradouro. Era um domingo muito quente, mas nublado e chuvoso. Ao entrar, pergunto por seu Esticadinho e o porteiro me diz que ele estava se arrumando. Pedi que entrasse e que ficasse à vontade. A quadra estava tranquila e percebia-se que as outras Velhas Guardas ainda estavam chegando.

Encontro Isabel, a minha companheira de viagem para Associação no Pagode do Branco (esta foi também uma das festas objeto dessa etnografia, mas que não está descrita neste texto), sentada na mesa separada para os integrantes da Unidos do Viradouro. Percebo que cada lugar nas mesas era identificado com os nomes dos idosos. Quando me viu, Isabel abriu um enorme sorriso, me abraçou e falou que me receber naquele dia era muito bom. E assim foram chegando, Edna e outras integrantes da Viradouro, todas elegantes. Esse foi um sentimento que tive naquela festa: senti-me fazendo parte daquele território, estava em casa. Eram vários conhecidos que vinham carinhosamente falar comigo, perguntar sobre a pesquisa, pedir para ser entrevistado. O diretor da Associação Ferreira carinhosamente veio falar comigo, dizer que podia abusar da festa e fazer o meu trabalho com toda liberdade.

Já se passara um ano do momento em que para ter permissão para ingressar naquele mundo, quando Ana Carolina (a personagem que me introduzira nesse mundo, o mundo do samba) havia me designado inicialmente como repórter. Agora todos já sabiam do meu propósito ali e, com orgulho, queriam participar da pesquisa.



Diferente das outras celebrações das quais havia participado, vejo que a organização dessa vez estava confusa. Percebo o movimento dos diretores da Associação, os sambistas anfitriões andando de um lado para outro e o locutor anunciando que já estava na hora de começar o ritual das bandeiras.

Ao passear pela parte coberta pude ver a decoração das mesas. Por ser perto do Natal, cada Velha Guarda caprichou na decoração: havia árvores de Natal com luzes de led piscando e brilhando sobre as toalhas de cetim vermelho e branco. As comidas eram também características: rabanada, panetone, bolinho de bacalhau e peru assado.

Começa o desfile e a Unidos do Porto da Pedra é a primeira com a entrada de vovô Olinda toda elegante, de prateado, e trazendo de braços dado uma integrante sua mais idosa que ela. Fazia sinal para o locutor esperar e não soltar o samba da escola até a senhora se ajeitar. Chegou à mesa e com todo carinho me recebeu: já entregando o ticket que dava direito a desfrutar do almoço: a bacalhoadada da Viradouro. Ao que ela disse: “está bom, mas a comida da minha festa é muito melhor.”

A quadra estava mais vazia do que nas outras festas. Um diretor da Associação veio e perguntou o que eu estava achando, me disse que a festa estava “muito fraca”. Eu respondi que, mesmo assim, a beleza e a alegria dos participantes eram contagiantes. Um cantor distraía os convidados. E assim a festa ocorreu com todos os seus rituais e terminando com as pessoas se abraçando e cumprimentando também pelo fim do ano que se aproximava.

Considerações Finais

Para integrantes das Velhas Guardas, a Associação tem muitos significados, mas é, sobretudo, o lugar aonde promovem múltiplos encontros, permitindo a renovação da importância real e simbólica dos idosos no mundo do samba. Trocar informações, experiências, se unirem em torno de diversas escolas permitem que falem com autoridade, outorgada pelas muitas décadas de envolvimento com o samba. A Associação constrói um lugar da fala autorizada para os idosos. Afinal, não são mais ex-sambistas, nem apenas integrantes de alas de suas escolas: são participantes de um grupo, que se apresenta como coeso (ainda que isso não signifique a não existência de conflitos), que se reúne para exercitar laços de sociabilidades e de pertencimento ao mundo do samba.

Através dos depoimentos é possível identificar territorialidades e espacialidades dominantes, nas quais se sobressaem os lugares do samba. Em primeiro lugar está a promoção das festas em torno da Associação; em seguida, as que se realizam nas escolas. Ganha destaque na sua geografia particular a escola a qual pertencem e, em seguida, a Associação. São esses os lugares de sua aderência ao mundo social e do estabelecimento do papel de guardiões do samba.

As suas histórias pessoais estão ligadas à memória histórica e à constituição de uma comunidade que se constrói pelos mecanismos da memória como guardião do samba. Esse lugar de guardião é território de fixação dos integrantes da Associação. O lugar de onde sempre falam é o território do samba.

Ao falarem do samba, da Associação, de suas trajetórias de vida, destaca-se também o universo cultural que se fixa pelos trabalhos da memória. O samba, as escolas, a importância que delegam ao passado, próximo e remoto, são territórios de sociabilidade desses agentes.

Nesse lugar particular as festas ganham múltiplos significados: é o local de renovação da presença no mundo (e no mundo do samba); permite a nutrição de uma memória comum que constrói a permanência e importância desses agentes no mundo do samba; faz eclodir momentos de exercício das estruturas culturais do grupo permanentemente renovadas através de valores fundamentais para o grupo (a abundância da comida e da bebida, a troca de alimentos, a música e a dança); e, finalmente, é um lugar de nutrição das múltiplas identidades construídas em suas trajetórias de vida.

A festa, enfim, permite ainda a construção de uma etnografia da memória que se desloca dos entrevistados e se complementa na memória do pesquisador, que através de traços de reconhecimento pode perceber, num primeiro momento (em que seu olhar estranha o ambiente desconhecido), parcamente determinados aspectos, laços de sociabilidade, permanências de valores identitários. Num segundo momento essa etnografia, construída também pelos trabalhos de memória do pesquisador, pode acionar o já visto, o já conhecido, o já familiar e assim traçar um caminho interpretativo de uma etnografia que se vale também de múltiplos (e complexos) processos memoráveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abreu, R. M. do R. M. (2007). Patrimônio cultural: tensões e disputas no contexto de uma nova ordem discursiva. In: Lima Filho, M. F., Beltrão, J. F., & Eckert, C. (org.). *Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos*. Blumenau: Nova Letra.
- Andrade, R. G. N. (2006). Folkcomunicação e identidade e cultura. *Anais do XXI Congresso Anual de Ciências da Comunicação da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM)*. Brasília (DF), 2 a 6 de setembro de 2006.
- Bhabha, H. (1998). *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Cavalcanti, M. L. (2011). Baianas e Velha Guarda: corpo e envelhecimento no carnaval carioca. In: Goldenberg, M. (org.). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. (pp. 245-276). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara.
- Guimarães, F. P. (2011). *O samba em pessoa: narrativas das Velhas Guardas da Portela e do Império Serrano*. Dissertação de mestrado, PPGHS/FFLCH, USP. São Paulo.
- Hall, S. (2003). *Da diáspora*. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG.
- Hall, S. (1997). *Identidades culturais na pós-modernidade*. Porto Alegre: DP&A.



Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? In: Silva, T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (pp. 103-133). Petrópolis: Vozes.

Hobsbawm, E. & Ranger, T. (1984). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Leopoldi, J. S. (2010). *Escola de Samba. Ritual e sociedade*. Rio de Janeiro: UFRJ.

Pomian, K. (1984). *L'ordre du temps*. Paris: Ed. Gallimard.